

(Entre)Mundos e (Re)Caminhos: Conexões e Transformações de Corpos e Territórios

Nicolli IDALGO, UNESP – Campus Marília

Pedro MARCONDES, UNESP – Campus Marília

João Felipe HONÓRIO, UNESP – Campus Marília

Arthur Henrique SCIARINI, UNESP – Campus Bauru

Eixo temático 08: Formação de professores e relações étnico-raciais e de gênero.

Projeto financiado com auxílio da CAADI/COPE – UNESP (Edital nº 01/2025)

nicolli.idalgo@unesp.br

RESUMO

O presente trabalho apresenta um resumo expandido de um projeto de extensão universitária voltado à intervenção em uma escola pública, com foco na promoção de debates e práticas formativas sobre Gênero e Sexualidade, Questões Étnico-Raciais, Inclusão, Classe e Justiça Social. A iniciativa parte da compreensão de que a escola é um espaço rico e diverso para a construção de saberes, mas também atravessado por desigualdades estruturais que impactam diretamente a experiência de estudantes, docentes e comunidade escolar. As ações propostas articulam rodas de conversa, oficinas temáticas e atividades coletivas que buscam problematizar preconceitos, estigmas e violências simbólicas, ao mesmo tempo em que fomentam a valorização da diversidade e o fortalecimento de uma cultura escolar mais inclusiva e acolhedora. O projeto se ancora nos pressupostos da educação crítica e decolonial, reconhecendo os sujeitos como protagonistas do processo educativo e defendendo a universidade como agente de transformação social. Além disso, pretende-se ampliar o diálogo entre universidade e escola, construindo práticas colaborativas que contribuam para a formação e para a efetivação dos direitos humanos. Espera-se, assim, que a intervenção promova reflexões significativas, sensibilização e mudanças concretas no cotidiano escolar e para a formação de futuros professores.

Palavras-chave: Educação, Diversidade, Justiça Social.

INTRODUÇÃO

Os projetos de extensão em escolas públicas configuram-se como espaços privilegiados de democratização do conhecimento e de articulação entre teoria e prática. Essas iniciativas não apenas ampliam a formação dos estudantes, mas também estabelecem uma ponte entre universidade, escola e comunidade, fortalecendo a dimensão social da educação. Segundo Freire (1983), a ideia de extensão deve ser repensada não como uma transmissão unilateral de saberes, mas como um processo dialógico, no qual educadores e educandos constroem conhecimento em conjunto. Para o autor, “não há saber mais, nem saber menos: há saberes diferentes” (FREIRE, 1983, p.

68), e é justamente nessa perspectiva que os projetos de extensão em escolas públicas ganham relevância, ao reconhecer e valorizar os saberes da comunidade e integrá-los ao processo educativo.

Assim, a importância desses projetos está em promover inclusão social, estimular a reflexão crítica e ampliar horizontes para os estudantes, sobretudo em contextos de vulnerabilidade. Eles possibilitam a construção de uma educação transformadora, que ultrapassa o caráter meramente transmissivo de conteúdos e se fundamenta no diálogo e na participação coletiva, conforme defendido por Freire (1983)

A fundamentação teórica deste trabalho tem como base os aportes da decolonialidade e da interseccionalidade. A decolonialidade configura-se como um campo teórico-crítico que procura analisar, questionar e superar as estruturas históricas e contemporâneas de poder, de produção de conhecimento e de constituição do ser forjadas no processo colonial e que seguem operando mesmo após o fim formal da colonização.

Aníbal Quijano (2000) introduz o conceito de *colonialidade do poder*, evidenciando que o colonialismo deixou um legado duradouro de hierarquias raciais, econômicas e epistêmicas, intrinsecamente ligado à modernidade e ao capitalismo mundial. Nesse mesmo horizonte, Walter Dignolo (2003; 2011) desenvolve as noções de *epistemologias fronteiriças* e *desobediência epistêmica*, defendendo a necessidade de reconhecer e valorizar saberes produzidos fora da matriz eurocêntrica. Catherine Walsh (2007; 2018) aprofunda a discussão ao propor as *pedagogias decoloniais*, voltadas a práticas educativas críticas que reconhecem a pluralidade de saberes e fomentam resistências e reexistências. Já Nelson Maldonado-Torres (2007) contribui com o conceito de *colonialidade do ser*, refletindo sobre como o colonialismo afeta subjetividades, identidades e existências. Assim, a fundamentação da decolonialidade envolve a análise histórica das relações coloniais, a crítica epistemológica ao conhecimento hegemônico, a valorização de epistemologias plurais e a construção de práticas políticas e pedagógicas voltadas à justiça cognitiva e social.

A interseccionalidade, por sua vez, constitui uma abordagem analítica que investiga como diferentes sistemas de opressão como racismo, sexismo, classismo, LGBTQIA+fobia e capacitismo interagem e produzem experiências específicas de desigualdade. O termo é cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989; 1991), que demonstra como mulheres negras vivenciam simultaneamente opressões de gênero e raça, as quais não podem ser compreendidas de forma isolada. Patricia Hill Collins (2000) aprofunda a discussão com o conceito de *matriz de dominação*, elucidando a forma interligada com que as opressões se estruturam no nível social, institucional e individual, ressaltando ainda a relevância da epistemologia feminista negra. Angela Davis (1981; 2016) evidencia como gênero, raça e classe moldam experiências distintas, especialmente no contexto prisional e do trabalho

doméstico, enquanto bell hooks (1984; 2000) defende um feminismo interseccional que seja inclusivo e atenda às demandas das mulheres historicamente marginalizadas.

A fundamentação da interseccionalidade parte, portanto, da compreensão de que as identidades sociais são múltiplas e interdependentes, de que as opressões são estruturais e de que o conhecimento situado ancorado nas experiências concretas dos sujeitos é fundamental para a produção teórica e a formulação de políticas.

A aproximação entre decolonialidade e interseccionalidade revela-se produtiva na medida em que ambas se sustentam na crítica às estruturas de poder e aos efeitos persistentes do colonialismo, do patriarcado e do capitalismo. Enquanto a decolonialidade concentra-se na desmontagem da matriz colonial de poder e na valorização de saberes plurais, a interseccionalidade expande a análise ao evidenciar como múltiplas formas de opressão se sobrepõem e interagem. Juntas, essas perspectivas contribuem para a construção de projetos emancipatórios que articulam, de forma indissociável, questões de raça, gênero, classe, território, cultura e conhecimento, promovendo não apenas a crítica, mas também a proposição de alternativas de transformação social.

DESENVOLVIMENTO

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é promover ações de intervenções escolares sobre conscientização da diversidade (raça, classe social e gênero) com o intuito de criar um espaço seguro de diálogo e inclusão sensibilizando as pessoas envolvidas para a importância da equidade em prol da justiça social. As atividades do projeto foram estruturadas em consonância com os 18 objetivos do Desenvolvimento Sustentável (Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas), possibilitando o debate sobre questões sociais.

LOCAL DE REALIZAÇÃO

Este trabalho está sendo realizado na escola estadual Maria Izabel Sampaio Vidal no município de Padre Nobrega, distrito da cidade de Marília-SP. A escola oferece ensino regular nos segmentos ensino fundamental e médio. É uma área predominantemente rural com cultura interiorana paulista, onde a economia local é sustentada pela agricultura além do comércio rural que atende as necessidades da população local. O local também possui uma história ligada a religiosidade, com diversas manifestações culturais e eventos comunitários que fortalecem vínculos com suas tradições.

Contando com 754 alunos e 64 professores, segundo o Censo Escolar de 2024. Além de enfrentar desafios estruturais e pedagógicos, destaca-se pela forte participação da comunidade local, que historicamente luta pela manutenção da escola sob gestão estadual, resistindo à municipalização. Foi nesse contexto que foram realizadas atividades de observação e intervenção voltadas para a educação das relações étnico-raciais.

PARTICIPANTES

Somos três estudantes de graduação: Nicolli Idalgo (1), Pedro Marcondes (2) e João Felipe Honório (3) do quarto ano em Ciências Sociais na Unesp de Marília. Sob orientação do Professor Doutor Harryson Lessa Gonçalves Júnio do departamento de Didática da UNESP Marília e Arthur Sciarini, um doutorando em Educação Para a Ciência do Campus de Bauru.

O contexto escolar no qual o projeto está inserido engloba estudantes da região, principalmente estudantes rurais e periféricos, com históricos de vida que perpassam as questões de classe, raça e gênero. São estudantes da faixa etária entre 11 à 18 anos.

Também participando os professores, que em sua maioria são egressos da Unesp, como o professor de Humanas no qual acompanhamos na realização das atividades e demais comunidade escolar.

O perfil dos alunos de ensino médio em sua maioria são trabalhadores, visto que a escola abarca aulas noturnas para os alunos que não conseguem frequentar as aulas no período da manhã. Há estudantes que trabalham para sustentar as demandas dentro de sua casa e família enquanto alguns outros, trabalham para conquistar seus próprios bens materiais e artigos que os façam sentido. A escola sendo localizada em um bairro afastado da cidade, acaba por atender as demandas da comunidade local, onde a maioria dos alunos residem. Por frequentarem a escola no mesmo bairro em que moram, muitas vezes os alunos passam a jornada completa dos anos escolares no mesmo colégio, evidenciando as relações culturais e dinâmicas existentes no bairro de Padre Nóbrega.

Se tratando de um bairro mais ruralizado, os alunos carregam um estilo interiorano e também campesino, onde podemos notar uma representatividade mais atrelada as questões de tendências modernas, como roupas, calçados e acessórios de marca voltadas a representatividade do funk, trap e do rap. Ao passo que essa representatividade emerge dos alunos, também vemos uma tendência campesina, contando com roupas e artigos que os remetem diretamente ao modo de vida rural, como botas, chapéu e fivelas.

PERÍODO

As atividades do projeto tiveram início em maio de 2025 estendendo-se até dezembro de 2025, totalizando 8 meses de construção coletiva da atividade.

DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES

As atividades são distribuídas entre Rodas de Conversa, Cine-debates, Círculos de Escrivências e Oficinas Culturais, culminando na mostra cultural.

Nas atividades de rodas de conversa selecionamos um tema para construir pensamentos com os estudantes. Os temas escolhidos estão atrelados ao objetivo principal do projeto: Incentivar o desenvolvimento da consciência crítica nos alunos, fomentando diálogos sobre a inserção da escola na construção de caminhos em prol da transformação social. As temáticas propostas para contemplar os eixos foram: Equidade e Justiça Social; Direito Humanos; Questões de Gênero e Sexualidade no Cotidiano Escolar; Interfaces entre Conhecimentos Científicos e Saberes da Tradição; Diversidade, Cinema e Escola; Educomunicação.

Os cine-debates são utilizados recursos audiovisuais para enriquecer a perspectiva da construção do diálogo. Filmes, vídeos, documentários, séries e músicas se fazem palco principal para fomentar e iniciar debates sobre os temas selecionados. Ao longo do projeto delimitamos os seguintes recursos de audiovisual para a transmissão: Filme: "O Ódio que Você Semeia" (2018) - sobre o Racismo e a Discriminação Racial; Filme: "Moonlight" (2016) - sobre Diversidade de Gênero e Sexualidade; Filme: "Aquarius" (2016) - sobre Etnicidade e Indigenismo; Filme: "O Céu de Alice" (2019) - sobre Diversidade Religiosa; Filme: "Extraordinário" (2017) - sobre Preconceito e Discriminação contra Pessoas com Deficiência; Filme: "Hoje eu quero voltar sozinho" (2014) - sobre Interseccionalidade, Adolescência e Sexualidade de Pessoas com Deficiência; Filme: "Coco – A Vida é uma Festa" (2017) - sobre Diversidade Cultural;

Partindo para os Círculos de Escrivências, são oficinas de escrita criativa e sensível que visa somar a base teórica com o exercício de produzir uma escrita que explore as características particulares e sensíveis de cada estudante.

A proposta das Oficinas Culturais abarca atividades práticas contando com apoio de pessoas que nortearam os trabalhos para a compreensão da temática proposta. Os temas para a efetivação das oficinas foram: Saberes da Tradição: Plantas Medicinais; Colagem e/ou Produção Audiovisual; Combate ao(s) Racismo(s) na/pela Escola; Dança Afrobrasileira e Diversidade Religiosa.

Por fim, os resultados obtidos durante os meses do projeto culminaram na Mostra Cultural, um evento dentro da escola com o intuito de divulgação de todo material que produzimos em conjunto com os estudantes.

RESULTADOS

Os resultados obtidos no projeto foram frutos de vivências práticas formativas, que contribuíram para o amadurecimento acadêmico e político dos participantes. Articulando a teoria e a prática em contextos escolares marcados por desigualdades estruturais, através as ações desenvolvidas na Escola Estadual Maria Izabel Sampaio Vidal, foi possível observar impactos significativos tanto na formação acadêmica quanto no engajamento social dos estudantes do colégio. As atividades — como rodas de conversa, oficinas culturais, cine-debates e círculos de escrevivência — mobilizaram saberes diversos e possibilitaram a construção de espaços de escuta, troca e produção coletiva de conhecimento. Nesse processo, cada integrante pôde refletir criticamente sobre sua posição no mundo, os atravessamentos de raça, classe, gênero e sexualidade, e sobre o papel da educação pública na promoção da justiça social. As experiências compartilhadas a seguir revelam, em primeira pessoa¹, os caminhos percorridos por cada discente no enfrentamento dos desafios e na valorização dos aprendizados construídos junto à comunidade escolar.

Eu enquanto participante (1), o projeto foi extremamente rico ao permitir perceber, nas intervenções realizadas, o quanto os(as) estudantes da escola participaram ativamente e se engajaram nas propostas. Foi especialmente significativo notar como conseguimos construir, em conjunto, um ambiente seguro para o diálogo — um espaço onde eles(as) puderam expressar suas dores, sentimentos e vivências relacionadas aos temas abordados, que atravessam seu cotidiano de forma constante.

Nossa presença enquanto estudantes universitários(as) externos(as) à rotina da escola — vistos por eles(as) como “visitantes”, “palestrantes” ou até “convidados” — contribuiu para que o ambiente fosse, de certo modo, mais acolhedor. Isso porque não ocupamos a posição hierárquica de professor(a) responsável pelas avaliações ou pelo cumprimento de um currículo rígido. Essa distância institucional nos possibilitou dialogar de forma mais horizontal, e foi muito potente perceber que os(as) estudantes compreenderam que não estávamos ali como detentores(as) do conhecimento, mas como pessoas dispostas a escutar, trocar e construir sentidos a partir das experiências deles(as).

Foi marcante observar que, ao invés de respostas certas ou erradas, o que estava em jogo era o compartilhamento de vivências e o reconhecimento da importância das suas

próprias narrativas. Além disso, algo que me atravessou profundamente foi a percepção de que, a cada encontro, surgiam novos caminhos possíveis. Em debates aparentemente pontuais, como aqueles sobre desigualdades sociais, emergiam outras inúmeras questões — de gênero, raça, sexualidade, território, religião, afetos — revelando a complexidade e a profundidade do cotidiano escolar. Isso reforça a importância de espaços formativos como este, que valorizam o tempo da escuta e a potência da educação para além dos conteúdos disciplinares. A ação que mais me marcou foi em uma atividade de justiça social, onde o palestrante explicava a diferença entre o que é justo e o que é certo. Neste contexto, ele fez criar um cenário para os alunos que se manifestava da seguinte forma: Um menino.

Para mim, participante (2), o projeto representou uma experiência transformadora tanto no aspecto acadêmico quanto pessoal. Desde os primeiros encontros, percebi que a proposta ia muito além de simplesmente “apresentar” temas para os estudantes, tratava-se de criar um espaço vivo de escuta, diálogo e construção coletiva. Ao entrar na escola, senti de imediato o peso e a potência das histórias que circulam ali: trajetórias marcadas por desafios econômicos, questões de raça, gênero e território, mas também por uma força comunitária que se manifesta no cuidado e no apoio mútuo entre alunos e professores. Esse contexto me fez compreender, de maneira mais concreta, que falar sobre equidade e justiça social na educação não é algo distante ou teórico, é uma necessidade cotidiana.

O que mais me marcou foi perceber como os estudantes, mesmo lidando com inúmeras dificuldades, se mostraram dispostos a pensar criticamente sobre sua realidade e buscar alternativas para transformá-la. Em várias rodas de conversa, fui surpreendido pela maturidade das reflexões e pela capacidade de relacionar os temas trabalhados às suas vivências diretas. Esse diálogo me ajudou a revisar minhas próprias concepções, entendendo que a universidade precisa se aproximar da escola não como detentora de respostas prontas, mas como parceira na construção de saberes.

Durante as oficinas culturais e os cine-debates, foi inspirador notar que, quando o conhecimento é mediado de forma sensível e respeitosa, ele ganha um sentido mais profundo para quem aprende e para quem ensina. Senti que o projeto também me desafiou a lidar com a complexidade das relações humanas e a reconhecer que a formação docente envolve, sobretudo, empatia e abertura para o outro.

Eu enquanto participante (3), essa vivência representou uma experiência profundamente enriquecedora. Acompanhar o cotidiano de professores e estudantes despertou inúmeras reflexões sobre a dinâmica escolar e o papel docente. A interação com os professores na sala dos docentes, ao observar suas rotinas, modos de comunicação e trocas de saberes, possibilitou-me perceber a escola sob uma nova ótica. Nesse espaço, constroem-se vínculos de amizade, redes de apoio e práticas colaborativas, nas quais os

docentes, dentro de suas possibilidades, buscam auxiliar uns aos outros. Embora haja divergências, chamou-me a atenção o esforço coletivo para manter um ambiente de cooperação e solidariedade.

Além do estágio, o projeto de extensão viabilizou um contato mais próximo com os estudantes. A oportunidade de promover debates e ouvi-los, acolhendo suas opiniões, ideias e percepções, ampliou minha compreensão acerca de suas realidades. Durante uma das atividades, iniciamos a exibição de curtas-metragens e, em seguida, propusemos um momento de diálogo. Num primeiro instante, os alunos demonstraram certa resistência em participar possivelmente devido ao receio de julgamentos ou represálias. Contudo, à medida que reiteramos a intenção de criar um espaço seguro para escuta, diálogo e troca, alguns começaram a se manifestar, compartilhar percepções e relatar experiências pessoais. Ainda que nem todos tenham participado ativamente, o debate revelou um aspecto fundamental: muitos desses jovens carregam uma necessidade latente de serem ouvidos e reconhecidos como sujeitos singulares, dotados de opiniões, contradições e trajetórias próprias.

Essa constatação reforçou em mim a importância de enxergar os estudantes como sujeitos plurais, marcados por vivências diversas, e de construir com eles uma relação educativa mais dialógica, horizontal e transformadora. Pensar sobre isso levou-me a refletir profundamente sobre o meu papel enquanto futuro professor. Quando estamos inseridos no ambiente escolar nessa condição intermediária não sendo ainda docentes, mas também não ocupando o lugar de alunos da escola, há um olhar de curiosidade e, muitas vezes, uma aproximação maior por parte dos estudantes.

Em certa medida, compartilhamos com eles a posição de aprendizes, o que abre espaço para um diálogo mais espontâneo e sincero. Essa possibilidade de troca é fundamental para projetar o tipo de educador que desejo me tornar: quais valores pretendo cultivar, quais serão as minhas limitações, e quais desafios precisarei enfrentar. São perguntas ainda sem respostas definitivas, mas que alimentam, de forma significativa, minha motivação e compromisso com a licenciatura.

IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Essas ações permitiram promover uma educação de qualidade, redução de desigualdades, e o fortalecimento de vínculos entre universidade e a escola, bem como a conexão do conhecimento acadêmico as problemáticas apresentadas na realidade escolar. Possibilitaram também o aprimoramento das atividades somadas a pesquisa, ensino, extensão, cultura e/ou inovação tanto para o viés acadêmico quanto à comunidade escolar.

CONCLUSÕES

Conclui-se que este projeto representa uma iniciativa essencial para os estudantes de graduação das Ciências Humanas em formação, especialmente aqueles que futuramente atuarão no cenário escolar. Ao articular o conhecimento acadêmico com a prática no cotidiano escolar valorizando os saberes locais, o projeto colaborou para a formação crítica e mais engajadas dos estudantes de graduação, fornecendo estratégias para o debate sobre temáticas fundamentais como desigualdades, identidades e direitos humanos. Para tal intuito, o estímulo à produção de materiais e práticas educativas outras, se fez essencial no debate sobre a interculturalidade na escuta ativa da comunidade envolvida. Ademais, possibilitou meios para se repensar a prática docente, atribuindo sentidos e significados ao futuro educador que, após ser atravessados pelo impacto do projeto, visa promover um ambiente mais democrático para a transformação do meio. Nesse sentido, a experiência proporcionada pelo projeto amplia os horizontes formativos e reafirma o compromisso das universidades públicas com a justiça social, a educação emancipadora e os direitos das populações historicamente marginalizadas.

De maneira complementar, ressaltamos que a vivência também reforçou a importância da aproximação entre universidade e escola como um processo de mão dupla, em que ambos os lados aprendem, se transformam e se fortalecem mutuamente. Mais do que transmitir conhecimentos, buscamos construir experiências coletivas capazes de revelar novas formas de ensinar, aprender e conviver, reafirmando a relevância da extensão universitária como prática que deixa marcas duradouras tanto nos estudantes da educação básica quanto em nós, graduandos envolvidos. Nesse movimento, o contato direto com a realidade escolar nos permitiu compreender com maior clareza os desafios enfrentados pela educação pública, ao mesmo tempo em que nos mostrou o potencial criativo e crítico existente entre os estudantes da escola. Também tivemos a oportunidade de vivenciar, na prática, o valor da escuta, da empatia e do diálogo como ferramentas pedagógicas, percebendo que a formação docente não se limita às teorias acadêmicas, mas se consolida na interação viva com sujeitos concretos e suas histórias. Assim, essa experiência se configurou como um espaço de crescimento recíproco, no qual o conhecimento circulou de maneira horizontal e se transformou em ação coletiva, contribuindo para que nos tornemos futuros professores mais sensíveis, comprometidos e preparados para atuar em contextos diversos.

Reconhecemos que o projeto não apenas ampliou nossa formação acadêmica, mas também nos atravessou de maneira pessoal e humana. Estar inseridos no cotidiano escolar, ouvindo histórias, acolhendo sentimentos e compartilhando experiências, fez com que repensássemos nossas próprias trajetórias e responsabilidades como futuros

educadores. Ao longo das atividades, aprendemos que ensinar é também aprender, e que cada encontro com os estudantes da escola foi uma oportunidade de construir sentidos novos sobre a educação, a justiça social e a vida em comunidade. Essa vivência, portanto, reafirma para nós a certeza de que a docência deve ser um exercício permanente de diálogo, escuta e transformação.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto**. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (Orgs.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina: a herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa, 2005.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Abya-Yala, 2009.